

Encarnação romântica

Novo volume de poesia do cantor e compositor Makely Ka sofre influência da poesia concreta, mas afirma voz própria e farta

ANELITO DE OLIVEIRA *

Segunda incursão do cantor e compositor Makely pela poesia impressa – a primeira foi *Objeto Livro*, de 1998 – *Ego Excêntrico* (Selo Editorial, 2003) é livro para ler, ver e ouvir, com um CD de áudio anexo, multimidiático, portanto, a exemplo de alguns trabalhos de Arnaldo Antunes, um kit que vai se tornando cada vez mais comum na cena poética. Mas não se trata, como se pode começar a pensar apressadamente, de mais um dos muitos “subantunes” que também têm aparecido – e desaparecido, felizmente – com bastante frequência. A semelhança com determinados procedimentos do ex-titã apenas confirma uma referência comum aos dois: a poesia concreta. O que Makely faz com essa referência é, no fundo, diferente do que Antunes já fez à exaustão, óbvia demonstração da ambivalência do concretismo, de sua natureza polidétrica a permitir as mais diversas apropriações, das mais esteticistas – que resultam em opções como a do finado Philadelpho de Menezes e tantos outros que insistem num experimentalismo vazio – às mais transculturalistas, digamos, que ainda têm em Le-
minski sua maior expressão.

A despeito do “capricho” visual, Makely aprende a onda concreta a partir de um ângulo mais “relaxante”, desejo de uma estética mais ordinária, de uma linguagem – modulação particularizada dos signos – em estado de choque com a língua, com o código convencional.

Dir-se-ia que o poeta de *Ego Excêntrico* mantém um relacionamento não com a poesia concreta propriamente dita, mas sim com o Movimento de Poesia Concreta, que, entendido a partir do princípio de sincronia sustentado de maneira categórica pelo recém-falecido Haroldo de Campos, teria a ver com Gregório de Mattos, Sousândrade, Oswald, Alfonso Ávila, Torquato Neto e, também, Glauco Mattoso e Sebastião Nunes, poetas que compõem uma tradição “infernai” na antilírica brasileira, que falam pela “boca do inferno”, não pelo coração do paraíso. A excentricidade maior de Makely talvez resida exatamente

no fato de que fala demais num momento de poetas que se gabam de ser mudos, de só escreverem raramente, em especial quando há alguma “encomenda” da mídia. Fala contra tudo e todos da vida literária: contra a propaganda editorial, contra a idéia de autor, contra os muitos tipos de poeta, enfim, contra a literatura, chegando a parafrasear o berro do bandido Zé Pequeno em *Cidade de Deus*: “Literatura o caralho/ eu faço é poesia/ porra!”

Dois dados importantes para o entendimento da atitude poética de Makely despontam em função dessa recorrência ao personagem de Paulo Lins levado às telas por Fernando Meirelles. Primeiramente o desvio operado na frase de Zé Pequeno, de forma a ressaltar o que o sujeito faz em detrimento do que ele é. Como se sabe, a frase do personagem rechaça o apelido e afirmava o nome Zé Pequeno – tinha como foco, assim, o sujeito. Makely, por sua vez, está mais preocupado em dissociar literatura de poesia, deixando claro que esta é outra coisa, ainda que seja feita com palavras – seu foco é, portanto, o objeto. Esta dissociação propriamente dita não é nova, naturalmente: está em Pound, em Cocteau, em Sartre e tantos outros pré-modernos e pós-modernos. Mas, sem dúvida, a consequência do estabelecimento desta dissociação a partir da imagem de Zé Pequeno é um segundo dado surpreendente: o poeta sai da “cidade letrada” conceituada por Angel Rama, digamos, e vai morar na “cidade de Deus” à brasileira, na periferia, no lugar que excede o centro, no ex-cêntrico. Neste deslocamento simbólico, ele também se desloca simbolicamente da imagem canônica de “homem de letras” e encarna, por conseguinte, a imagem do marginal, na trilha reivindicada por um Hélio Oiticica: “Seja marginal, seja herói”.

De fato, é a encarnação muito romântica dessa imagem – com toda a carga de ingenuidade e ironia que se encontra nos romantismos altos e baixos – que move a poesia de *Ego Excêntrico*. Pode-se dizer, a partir de

Fala demais, num momento de poetas que se gabam de ser mudos

poemas-manifestos como *Ode*, que Makely estabelece um elo entre o poeta idealizado pelos românticos e o indivíduo marginalizado atualmente, expulso do centro, impedido de usufruir os bens da *res publica*. O “grande iluminado” (o poeta) e “o grande eliminado” (o marginal), enfatiza insistentemente a *Ode*, até concluir: “Porque sou poeta/ falo o que tem de ser falado”. Daqui se enuncia um problema nessa poética. Realmente, o poeta, a exemplo dos demais radicados num horizonte romântico, fala, mas não daquilo que pensa – e às vezes até proclama – estar falando, de uma premência a envolver toda uma coletividade para além do gueto artístico. Fala, na verdade, daquilo que a princípio pode nos parecer menos importante para essa fala, mas que é o seu impulso maior: o ego. Tudo “que tem de ser falado”, para Makely, é o que se passa no ego de um

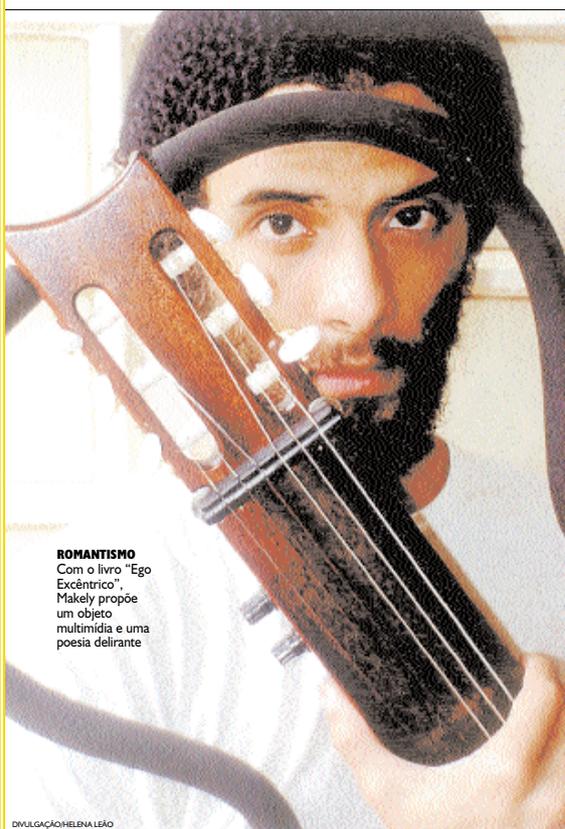
poeta consciente da nenhuma importância que lhe confere a sociedade consumista, um mundo “shopping center”, no auge do auge da banalidade.

Nada mais plausível que esse mundo de relações superficiais seja associado à instituição literária – que nada tem a ver com literatura em sentido forte, como não me canso de assinalar –, bem como às outras instituições que zelam por uma “ordem do discurso” (Foucault) que

não corresponde à desordem da existência em geral. Pode-se dizer mesmo que hoje uma contestação eficaz das boas maneiras literárias, de um farsesco mundo letrado, passa necessariamente pela contestação do mundo “shopping center”. Mas *Ego Excêntrico* não opera essa questão, chegando mesmo a resvalar numa simpatia fácil pelo virtualismo irresponsável, que toma tudo por ficção, componente básico do shopping, lugar de apagamentos, de desistoricizações. Desta forma, o resgate do ideal romântico de poeta é tão louvável quanto lamentável: estimula uma relação conturbada do poeta com a coisa literária – o que é significativo –, mas também conduz a um excesso de atenção ao ego e consequente desatenção a outrem.

O entusiasmo do poeta certamente o leva à ilusão de que o outro – o marginal, digamos – está implícito no que diz, mas este é justamente o grande delírio de toda tentativa romântica. Somente uma perspectiva abertamente dialógica – o que não se encontra em *Ego Excêntrico* – para incorporar o outro, e tal perspectiva não é possível num regime autoritário de signos, centrado na cegueira peculiar ao ego, numa “escritura fechada”, diria Barthes, nas verdades que ela mesma erigiu.

* Anelito de Oliveira é poeta, crítico e ensaísta, autor de *Lama* (2000, Orobó Edições) e *O Arvoredo* (2003, Nankin Editorial, no prelo), entre outros.



ROMANTISMO
Com o livro “Ego Excêntrico”, Makely propõe um objeto multimídia e uma poesia delirante